

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

LARGO DA BATATA: O digital e o analógico ocupam a praça.

Marcos Mauro Rodrigues

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em “Mídia, informação e Cultura” sob orientação do Prof. Dr. Vinícius Romanini.

São Paulo

2017

Largo da Batata: o Digital e o Analógico ocupam a praça¹

Marcos Mauro Rodrigues²

RESUMO

Mostramos aqui a importância das ações culturais para promover a reapropriação de espaços públicos — no caso em estudo, o Largo da Batata, no bairro de Pinheiros, em São Paulo, SP. Em situações de comunicação complexas como esta, mostramos que as ações culturais só se tornam possíveis por meio da integração entre a comunicação *online*, notadamente as redes sociais na Internet, e a comunicação *offline*, como cartazes, faixas e “lambes”. Desta forma, nossa pesquisa revela a possibilidade de que movimentos sociais e/ou coletivos possam viabilizar uma ação cidadã capaz de bloquear e/ou ressignificar a invasão dos espaços públicos promovida pelos interesses do capital ao bem público, tornando-o novamente um bem comum.

Palavras-chave: coletivo; cidadania, ocupação, urbanismo, Largo da Batata.

ABSTRACT

We show here the importance of cultural actions to promote the reappropriation of public spaces - in this case, Largo da Batata, in the Pinheiros neighborhood of São Paulo, SP. In complex communication situations like this, we show that cultural actions are only possible through the integration of online communication, especially social networks on the Internet, and offline communication, such as posters and banners. In this way, our research reveals the possibility that social and / or collective movements can enable a citizen action capable of blocking and / or re-signifying the invasion of public spaces promoted by the interests of capital to the public good, making it a common good again.

¹Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura, pelo centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação – CELACC, junto à Universidade de São Paulo – Escola de Comunicações e Artes- USP- ECA, tendo a orientação do Prof. Dr. Prof. Vinícius Romanini.

²Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, pela Fundação Armando Álvares Penteado e em Marketing pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Sócio- diretor da Agência *Aproxima*; diretor da produtora cultural *MUDA*, consultor publicitário e participante ativo dos chamados “coletivos urbanos”.

Key words: movement; collective; Citizenship, occupation, Largo da Batata.

RESUMEN

Mostramos aquí la importancia de las actividades culturales para promover la nueva reapropiación de los espacios públicos - en nuestro caso, el Largo da Batata en Pinheiros, São Paulo, SP. En situaciones complejas de comunicación como este, se muestra que las actividades culturales sólo son posibles a través de la integración de la comunicación en línea, sitios de redes sociales en particular, y las comunicaciones fuera de línea tales como carteles y pancartas. De esta forma, nuestra investigación revela la posibilidad de que los movimientos sociales y / o colectiva puede permitir una acción ciudadana capaz de bloquear y / o reformular la invasión de espacios públicos promovidos por intereses de capital para el bien público, por lo que es de nuevo un bien común.

Palabras clave: movimiento; colectiva; la ciudadanía, la ocupación, Largo da Batata.

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é estudar a importância das atividades culturais e o papel das ações de comunicação *online* e *offline* — do digital e do analógico³ — para a reapropriação pública do Largo da Batata, situado no bairro de Pinheiros, em São Paulo. Da mesma forma, procura traçar caminhos possíveis para a manutenção e desenvolvimento dessa reapropriação.

Particularmente, este estudo irá focalizar as ações do coletivo *A Batata Precisa de Você* que, por meio de diversas estratégias que contemplaram as mídias virtuais e físicas, assim como encontros presenciais, buscaram reconquistar este espaço público, transformando-o em um local que as pessoas pudessem utilizar para seu lazer, descanso e envolvimento comunitário. As diversas ações culturais, assim como a transmidialidade⁴, promoveram o encontro das pessoas e a revalorização do espaço público, tornando-se uma inspiração para outras iniciativas semelhantes em todo o Brasil e até no exterior.

Desde a *Ágora* (ἀγορά; "assembleia", "lugar de reunião", derivada de ἀγείρω, "reunir") — e muito possivelmente antes disso — o espaço público tem sofrido sucessivas transformações através dos tempos. Espaços para ir e vir, chegar e partir, para comemorações, encontros, reuniões, festas e protestos, os espaços públicos sempre tiveram importância vital para o bom funcionamento das urbes e para as vidas dos que as habitam.

A dinâmica financeira rege a utilização dos espaços públicos das cidades modernas. Sua utilização é condicionada à forma com que o capital os interpreta e os instrumentaliza. No Brasil — e particularmente em metrópoles como São Paulo,

³ A definição do digital e o analógico, neste contexto. De acordo com *Paul Watzlawick, Janet Helmick Beavin e Don D. Jackson*, no livro *A Pragmática da Comunicação Humana*, mais do que a totalidade da comunicação não-verbal, a comunicação analógica abrange "postura, gestos, expressão facial, inflexão de voz, sequência, ritmo e cadência das próprias palavras, e qualquer outra manifestação não-verbal de que o organismo seja capaz, assim como as pistas comunicacionais infalivelmente presentes em qualquer contexto em que uma interação ocorra". A comunicação digital, por sua vez refere-se à "partilha de informações sobre objetos e para a função de transmissão oportuna de conhecimentos". A conclusão pode ser que "o aspecto de conteúdo tem toda a probabilidade de ser transmitido digitalmente, ao passo que o aspecto relacional será predominantemente analógico em sua natureza".

⁴ Henry Jenkins, em artigo na revista *Technology Review*, define transmídia como "[...] uma nova estética que surgiu em resposta à convergência das mídias – uma estética que faz novas exigências aos consumidores e depende da participação ativa de comunidades de conhecimento". (JENKINS: 2009, p.49).

onde há grande concentração populacional — os espaços públicos têm sido alvos constantes de ataques do capital, seja pela feroz especulação imobiliária, seja pela necessidade de transformá-los em locais que valorizem as edificações do entorno (gentificação), expulsando a população de menor poder aquisitivo para as periferias, ou até mesmo pela incompreensão do Estado de como um determinado espaço deve ser um bem público comum e pode ser utilizado como tal. Em nosso recorte — praças e largos — a constatação é de que eles se tornaram meros corredores de passagem de pedestres ou que a maioria deles foi abandonado pela simples incapacidade de gestão do Estado.

A pressão social pelo resgate desses espaços públicos torna-se cada vez maior, tendo em vista a necessidade de reencontrar locais onde o contato humano possa ser promovido, onde as vozes das pessoas encontrem novamente sua merecida importância e até pela percepção de que é preciso haver “oásis” em que o capital não exerça sua pressão formidável.

Uma das formas mais básicas de resistência social a esta pressão contra os espaços públicos foi a organização espontânea de movimentos e coletivos, formados por cidadãos que se unem com o objetivo comum de revalorizá-los. E os principais recursos que utilizam são as atividades culturais, potenciando sua realização por meio das mídias virtuais e analógicas. De acordo com o arquiteto e urbanista Renato Cymbalista (2007, p. 123), a Internet deu um novo fôlego a diversos movimentos e protestos de caráter disruptivo, permitindo que as pessoas estabelecessem uma comunicação direta, com a sensação de que não é preciso pedir autorização para ocupar o espaço público.

No exemplo que abordaremos — a atuação do movimento *A Batata Precisa de Você*⁵ no Largo da Batata, no bairro de Pinheiros, em São Paulo — iremos constatar como a utilização de diversas mídias (de simples “lambes” colados nos muros a planilhas colaborativas na Internet) obteve sucesso ao reunir um grande número de pessoas em torno de um objetivo comum, tornando real a ocupação do Largo da Batata ao promover múltiplas manifestações culturais e políticas. Estas, por sua vez, incentivaram a reapropriação deste espaço público por parte da

⁵ “A Batata Precisa de Você” é um movimento coletivo criado em 2014, que reuniu pessoas interessadas na reocupação e reativação de espaços públicos, como o Largo da Batata, no bairro de Pinheiros, em São Paulo, SP.

população, que passou a compreender que o encontro, a voz e a atuação política independem, muitas vezes, do capital. Enfim, que não é preciso pagar para se ter lazer e descanso, para se encontrar e reencontrar-se na cidade.

A entrevistada, Laura Sobral⁶ afirma que a mudança dinâmica do Largo da Batata utilizou e utiliza ações culturais como ferramentas centrais para que o local adquira mais vida urbana. O resultado foi a mudança de suas características: de local deserto, simples lugar de passagem, totalmente despersonalizado, tornou-se um espaço importante para a vida cultural e política da cidade de São Paulo.

A cidade: tudo junto e misturado

“Vivir es más que un ir muriendo”

Jorge Guillén

Há diversas interpretações sobre os papéis do Estado, da iniciativa privada e do cidadão no controle e uso dos espaços públicos. Henri Lefebvre (2004, p. 122), por exemplo, observou, em seu livro *Direito à Cidade*, como o controle e as decisões referentes à produção de espaço urbano deveriam sair das mãos do capital e do Estado, transferindo-se para os habitantes da cidade. Habermas (apud Silveira, 1984), por sua vez, defende que a esfera pública interconectada é um espaço comunicacional em que os sujeitos privados discutem e realizam suas críticas públicas ao poder, tal como ocorria na esfera pública burguesa, sendo bem mais acessível e diversificada do que a esfera controlada pelas corporações de comunicação.

Mas o sentido de cidade altera-se em cada época, distanciando-se, atualmente, da visão funcionalista de urbanistas que, recentemente, dominaram as tendências do que seria fazer a cidade.

⁶ A arquiteta e urbanista Laura Sobral graduou-se pela Universidade de São Paulo - USP, com intercâmbio na Universidad Politécnica de Madrid. Atualmente é mestranda na Universidade de São Paulo - USP, onde pesquisa sobre a produção social dos espaços públicos e comuns. Desde 2007, Laura estuda e realiza intervenções urbanas, arquiteturas temporárias para a ativação dos espaços públicos. Em 2014, criou o movimento A Batata Precisa de Você.

Longe da cidade funcionalista imaginada por Le Corbusier⁷, da cidade trabalhadora e agitada da industrialização, a cidade procura se tornar 'habitável', exorcizar seus sintomas de poluição e de concretagem intensiva, a fim de criar espaços sensíveis, 'ambiências' em que o prazer dos sentidos encontre plenamente seu lugar. (LIPOVESTSKY E SERROY, 2014, p. 203 e 204).

Então, se a cidade está distante daquela anunciada por Le Corbusier, talvez possa estar mais próxima dos conceitos de Lefebvre (2004, p. 46) onde a cidade seria uma mediação entre as mediações, em que a sociedade urbana se forma enquanto se procura. Neste contexto, onde a vertiginosa velocidade em que a morfologia urbana se transforma, ela obriga as pessoas a se readaptarem continuamente, trazendo uma mudança e, atualmente, produzindo o empobrecimento permanente das relações sociais — cenário reforçado pelo fato dos lugares da cidade serem submetidos à lógica do valor de troca, imposto pelo capital, ao invés de priorizar seu valor de uso.

Desse modo, o espaço da cidade torna-se mera mercadoria, sendo simplesmente privatizado. Não menos importante é a diferença que se estabelece entre bem comum e bem público. Neste último é produzida uma nova relação do Estado com os espaços da cidade, submetendo-os a interditos em nome da lei e da ordem. Nessa configuração, o cidadão passa a ser um consumidor manipulado, mão de obra alienada, não tendo a possibilidade de se tornar agente da reprodução do espaço urbano.

O resultado desse processo é a implosão da vida cotidiana — antes regida pelas antigas relações de vizinhança — devido à imposição de novos modelos culturais e comportamentais, validados pelo mundo da mercadoria. Essa abordagem é posta em pauta por Alessandri (2007, p. 123 e p. 51) que denomina o espaço urbano como “espaços amnésicos”, em que os lugares de passagem mudam de significado, priorizando o movimento em detrimento do estar, do morar, do encontro, da festa, e tornando-os até mesmo hostis à vida cotidiana ao limitar e restringir as modalidades em que são utilizados. Mas a geógrafa também examina o outro lado

⁷ Arquiteto, urbanista, escultor e pintor de origem suíça e naturalizado francês em 1930. É considerado um dos mais importantes arquitetos do século XX.

destas interdições e homogeneizações, ao determinar que “a cidade é o ‘lugar do possível’”, ao abrir espaço para o lúdico.

É viável, portanto, resistir à alienação da cidade assaltada pelo capital e transformada em local de passagem do espetáculo do consumo, ao conferir-lhe conteúdos que privilegiam a realização da cidadania, aberta à constituição de outros projetos de sociedade. Assim, o habitante da cidade, ao usar o espaço público, relaciona-se com o lugar e com o outro, estabelecendo uma rede de relações que sustenta a vida. E, por meio das apropriações vividas e percebidas pela mediação de seu corpo, é construída a tríade cidadão/identidade/lugar, conferindo sentido aos espaços.

Portanto, é inevitável que surjam movimentos sociais, que questionam o modo como se planeja e se vê a cidade, e tentam reconstruir mundos melhores por meio de novas estratégias. Esta luta pelo direito à cidade revela-se como uma nova territorialização, na contramão do processo global, que pretende apresentar-se como inexorável. No mais, Harvey apud Lefebvre (2013, p.14) propõe a tarefa política de imaginar e refazer um outro tipo de cidade, totalmente diferente daquele engendrado pela gula frenética do capital urbanizador globalizado. O autor vai além, afirmando que:

Si Park estaba en lo cierto [ao dizer “Al crear la ciudad el hombre se ha recreado a sí mismo”], la cuestión de que tipo de ciudad queremos no puede separarse del tipo de personas que queremos ser, el tipo de relaciones sociales que pretendemos, las relaciones con la naturaleza que apreciamos, el estilo de vida que deseamos y los valores estéticos que respetamos. El derecho a la ciudad es por tanto mucho más que un derecho de acceso individual o colectivo a los recursos que esta almacena o protege; es un derecho a cambiar y reinventar la ciudad de acuerdo con nuestros deseos. (HARVEY, 2013, p. 20)

A todo o momento, surgem movimentos sociais urbanos que procuram reconfigurar a cidade por meio de inovações urbanas, de sustentabilidade ambiental, da incorporação cultural e respondendo ao desafio habitacional e à gentrificação, à revelia daquele modelo oferecido pelo capital financeiro e empresarial — e também pelo próprio Estado, que atua como seu mediador e incentivador.

A cultura, considerada como um bem comum (embora tenha se convertido em uma espécie de mercadoria) tem algo especial que a diferencia das mercadorias ordinárias (como sapatos ou automóveis). Mas o capital sabe instrumentalizá-la muito bem, como afirma Lipovetsky:

na nova economia do capitalismo, já não se trata apenas de produzir pelo menor custo bens materiais, mas de solicitar as emoções, estimular os afetos e os imaginários, fazer sonhar, sentir e divertir. O capitalismo artista tem de característico o fato de que cria valor econômico por meio do valor estético e experiencial: ele se afirma como um sistema conceitor, produtor e distribuidor de prazeres, de sensações, de encantamento. LIPOVETSKY (2014, p. 28).

Assim, como utilizar a cultura para se contrapor à sua própria mercantilização e à da cidade? Para promover a conscientização do espaço urbano como sendo um bem comum, sem a interferência (excessiva) do capital? Para tornar o espaço urbano um revalorizado espaço político, que faça com que o cidadão reconheça o valor do outro?

A resposta pode advir de teóricos como Manuel Castells. Ele investiga sobre o encontro do digital e do analógico, em um espaço híbrido, que seria a apropriação do espaço público, sua nova territorialização, por meio das redes digitais — paradoxalmente as que mais nos desterritorializam nesta globalização desenfreada. Tecnológica e culturalmente, formam-se comunidades “instantâneas”, que permitem a comunicação autônoma e o interrelacionamento destas comunidades sem o controle limitador e até castrador dos detentores do poder. (CASTELLS, 2013, p. 13 e 14)

O digital e o analógico se encontram na Batata

Na Argentina, a ideia dos movimentos sociais e políticos nos espaços urbanos é enfatizado ao se estudar movimentos como o Partido de la Red⁸. Ao utilizar os meios digitais para atuar também presencialmente é possível constatar, na prática, que *online* e *offline* são universos que estão cruzados. Segundo Fausto e Sorj (2016, p.14), o mundo *offline*, afinal, apropria-se das mobilizações e opiniões geradas pelo mundo virtual. E esta interrelação aprofunda-se cada vez mais, já que a passagem de um para o outro é constante, chegando a ser vivido como mundos indiferenciados.

A importância crescente das redes, que se tornam onipresentes nas atuais relações humanas, implicam na formação de um novo espaço público, com novas formas de comunicação e organização das relações sociais. É como afirma Zygmunt Bauman (2016, p. 312): *vivemos uma vida dupla — a online e a offline. E isto define a nossa modernidade*. Neste contexto, diz Fernando Pessoa:

em todo momento de atividade mental acontece em nós um duplo fenômeno de percepção: ao mesmo tempo que temos consciência de um estado d'alma, temos diante de nós, impressionando-nos os sentidos que estão virados para o exterior, uma paisagem qualquer, entendendo por paisagem, para conveniência das frases, tudo o que forma o mundo exterior em um determinado momento de nossa percepção. (PESSOA apud ALESSANDRI, 2007, p. 34).

Logo, dentro desta perspectiva, a transmidialidade, segundo Souza (2016, p. 260), afirma-se como parte integrante da cultura, estimulando a participação e a atividade na sociedade contemporânea. Assim, de acordo com Pierre Lévy (1999, p. 194) o desenvolvimento das comunidades virtuais se apoia na interconexão, construída sobre afinidades de interesses, de conhecimentos e projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca. Ele também afirma que:

⁸ O Partido de la Red é um partido político argentino que visa melhorar a democracia através da Internet, promovendo a participação dos cidadãos através de ferramentas digitais. Seu objetivo é criar uma cidade inclusiva, sustentável e aberta, onde a política pública é centrada nos cidadãos.

articular os dois espaços não consiste em eliminar as formas territoriais para substituí-las por um estilo de funcionamento ciberespacial. Visa antes compensar, no que for possível, a lentidão, a inércia, a rigidez indelével do território por sua exposição em tempo real no ciberespaço. Visa também a permitir a solução e, sobretudo, a elaboração dos problemas da cidade por meio da colocação em comum das competências, dos recursos e das ideias. (LÉVY, 1999, p. 194 e 195)

A solução, propõe Lévy, nesse contexto de redes, acaba chegando perto do que ele conceituará como “inteligência coletiva”, associando os recursos e habilidades de um coletivo de pessoas e tornando-as uma fonte de poder disponibilizada no ciberespaço. Sobral (2017) afirma, em sua entrevista:

É claro que as ferramentas digitais têm um papel muito importante na convocação das pessoas que se identificam com o tema proposto — a ocupação da cidade, o direito à cidade, etc. — e também para a divulgação do que irá acontecer, até para os vizinhos se organizarem para que as atividades aconteçam. É um canal que, com certeza, fortalece a colaboração — quando você precisa de uma coisa, outra pessoa tem... Pode-se dizer que também é um espaço público digital, que faz com que o online e o offline funcionem. (SOBRAL, 20017)

Ademais, Sorj y Fausto (2016, p. 101 e 102) salientam que o ambiente online faz emergir novos atores e formas de participação cidadã. É claro que, em alguns casos, o *offline* é o limite do *online*; em outros, o *offline* apoia o *online*. E quando ocorre que a participação cidadã tem sucesso é porque ocorreu uma potenciação mútua entre ambos.

Vinicius Romanini, em seu ensaio “As competências criativas num mundo em transformação”, afirma a este respeito:

Em algum tempo, os modelos do velho paradigma usados para resolver as tarefas do cotidiano começam a ser substituídos por novos modelos, muito mais próximos das demandas sociais que surgem em torno dos novos conceitos. Por fim, esses novos modelos geram algoritmos próprios para solucionar o problema da sobrevivência e permanência dos indivíduos e das sociedades: as questões da afetividade e da sexualidade, as questões da alimentação e da disposição do lixo, as questões da mobilidade e do fluxo das

informações, as questões da educação e da produção cultural. (ROMANINI, 2016, p. 37)

.....

O novo paradigma que se insinua abre a epistemologia para uma visão sistêmica aberta, que inclui a observação participativa, que valoriza muito mais o acesso aos serviços do que a posse material, não aceita escalas rígidas de valor e patrocina a complexidade que inclui diversas formas de saber. (ROMANINI, 2016, p. 37)

Segundo Romanini (2016, p. 37) os partidos políticos e outros movimentos sociais, presos à velha hierarquia verticalizada da distribuição do poder, perdem rapidamente a capacidade de representar os ideais e ansiedades da “geração Y”⁹, que começa a ocupar a fatia maior da atividade econômica. Isto torna-se cada vez mais evidente com a ocorrência de movimentos como o Occupy Wall Street e outros similares. É, de acordo com ele, a “barroquização” do espaço público, onde importa menos a quantidade de participantes do que a cobertura midiática e o número de seguidores que conquistam nas redes sociais. O registro audiovisual impera, dada sua rápida absorção nas mídias digitais.

Assim, Castells afirma que, quando as sociedades falham na administração de suas crises estruturais pelas instituições existentes,

a mudança só pode ocorrer fora do sistema, mediante a transformação das relações de poder, que começa na mente das pessoas e se desenvolve em forma de redes construídas pelos projetos dos novos atores que constituem a si mesmos como sujeitos da nova história em processo. A internet, que, como todas as tecnologias, encarna a cultura material, é uma plataforma privilegiada para a construção social da autonomia. (CASTELLS, 2013, p. 95)

Nesta intersecção entre o *online* e o *offline*, cabe destacar a necessidade de cada pessoa de expressar suas opiniões e de afirmar sua individualidade, o que apenas a vivência no *offline* é capaz de realizar plenamente, dado seu caráter analógico, completo (PINE e GILMORE apud LIPOVETSKY, 2014). Segundo eles, o

⁹ A Geração Y, também chamada geração do milênio ou geração da Internet, é um conceito em Sociologia que se refere, segundo alguns autores, como Don Tapscott, aos nascidos após 1980 e, segundo outros, de meados da década de 1970 até meados da década de 1990.

mercado da experiência aparece como a nova fronteira do capitalismo, a quarta idade econômica sucedendo às das matérias-primas, dos produtos e dos serviços, pois, ainda, segundo o autor:

o individualismo expressa, assim, a necessidade urgente de realizar algo que corresponda à subjetividade de cada um. É preciso expressar-se como e enquanto ser único em dado momento, adquirindo voz e representatividade perante um mundo que insiste em querer tornar cinza a vida, que não é homogênea, igual, conformista. Não são os quinze minutos de fama preconizados por Warhol, mas a expressão da riqueza que existe em cada indivíduo, e que permite manifestar um eu singular, criativo, especial (LIPOVETSKY e SERROY, 2014, p 47).

Concordamos com Castells (2013) quando este aponta a autonomia da comunicação como a essência dos movimentos sociais, permitindo a formação de movimentos e sua relação com a sociedade, superando o controle dos detentores do poder sobre a comunicação institucionalizada. Além do mais, ainda segundo o autor:

Há uma íntima conexão entre as redes virtuais e as redes da vida em geral. O mundo real em nossa época é um mundo híbrido, não um mundo virtual nem um mundo segregado que separaria a conexão on-line da interação offline. E é nesse mundo que os movimentos sociais em rede vieram à luz, numa transição – natural, para muitos indivíduos – do compartilhamento de sua sociabilidade para o compartilhamento de sua indignação, de sua esperança e de sua luta. (CASTELLS, 2013, P. 13 E 14)

Um breve histórico

No início, o local em que hoje se situa o Largo da Batata abrigou o Mercado Caipira, onde eram comercializados produtos agrícolas. No final da década de 1920, a região de nosso estudo ficou conhecida como Largo da Batata, porque lá imigrantes japoneses comercializavam o produto. Com a criação da Cooperativa Agrícola de Cotia, o local teve fortalecida a sua vocação comercial. Veja a seguir:

Figura 01: Largo do Batata nos anos 20



Fonte: Internet, 2017.

A Operação Urbana Faria Lima, iniciada em 1995, procurou realizar melhoramentos na paisagem urbana e na infraestrutura da região. Um dos locais abrangidos por esta Operação, o Largo da Batata, teve suas obras iniciadas em 2007 e entregues em 2013, revelando sérias distorções no projeto original, que contemplaria o local até com um centro de eventos, além de desapropriar as inúmeras lojas de comércio popular antes existentes no espaço e em seu entorno.

O resultado desta intervenção foi a criação de uma esplanada árida, com o centro nervoso alocado na Estação do Metrô Faria Lima. Quase desprovida de vegetação, sem qualquer equipamento público relevante para o proveito da população, tornou-se um mero local de passagem, “fervendo” com o calor do verão e tornando-se uma verdadeira piscina nas chuvas torrenciais.

O Largo da Batata havia se transformado em uma "zona morta" entre a estação do Metrô e os terminais de ônibus. Desprovida de alma, sem contar com a afetividade e o sentimento de apropriação por parte da população, acabou sendo alvo de vandalismo, sujeira e abandono.

Figura 02: Largo do Batata no ano de 2013.



Fonte: Internet, 2017

Em 2013, insatisfeitos com esta situação, grupos formados por moradores de Pinheiros começaram a organizar-se, tendo em vista a alteração das condições precárias do Largo, formando o movimento *Não Largue da Bata*.

Figura 03 - Primeira ocupação do Largo da Batata

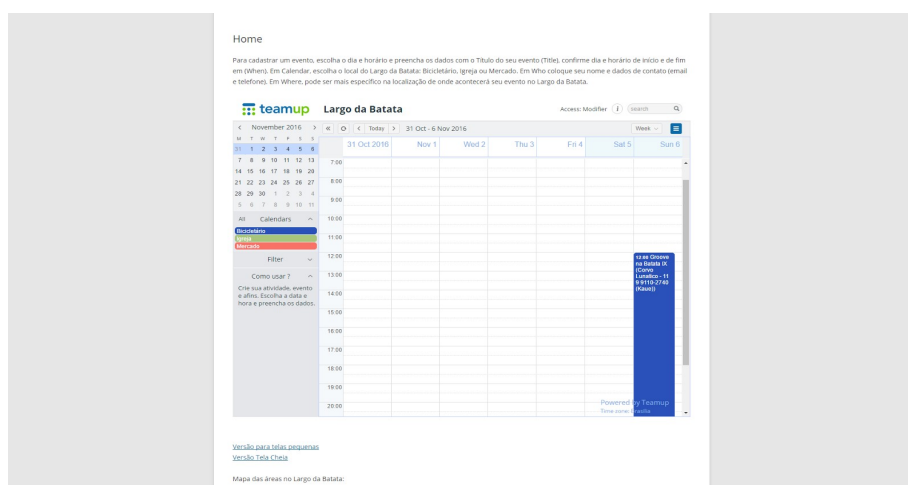


Fonte: Arquivo pessoal, 2014.

No entanto, a dinâmica do *Não Largue da Batata* ocorria basicamente por meio de discussões pelas redes sociais, como o Facebook, com amplitude muito limitada, incapaz de promover mudanças efetivas no local. Foi apenas com o surgimento do movimento *A Batata Precisa de Você* que surgiram condições efetivas para a ocupação e reapropriação do Largo da Batata, unindo, em sua estratégia, a utilização de ferramentas digitais e analógicas com a ocupação física do espaço em estudo.

O movimento ocupou o Largo da Batata utilizando guarda-sóis, cadeiras de praia e esteiras — ocupações que tinham como principal característica o fato de serem regulares: todas as sextas-feiras, a partir das 18 horas. Isto foi fundamental para o sucesso do projeto, pois as pessoas já sabiam que algo iria ocorrer nesse dia da semana.

Figura 04: Planilha aberta para eventos



Fonte: site do Batata. (<http://largodabatata.com.br>)

Simultaneamente, foram utilizadas diversas ferramentas digitais, criando condições para congregar rapidamente os cidadãos que aspiravam ao mesmo objetivo: tornar o Largo da Batata um espaço público que promovesse a cidadania em seus múltiplos aspectos.

Uma destas ferramentas, a planilha de eventos, até hoje está aberta a todos que queiram apresentar alguma performance ou evento artístico gratuito, ou mesmo promover algum debate político. Basta marcar o evento, reservando dia e horário. Funciona como uma verdadeira agenda cultural, que atrai os mais diversos públicos.

Com o tempo, passaram a ocorrer eventos simultâneos e espontâneos, para os quais esta planilha nem sempre era necessária.

As redes sociais também tiveram importância fundamental para promover o debate e a união de pessoas em torno do objetivo proposto. Atualmente (novembro/2016), a página do movimento *A Batata Precisa de Você*, na Internet, reúne quase sete mil membros, que a seguem, curtem e participam ativamente das discussões e eventos anunciados para o Largo da Batata.

Figura 05: Página do movimento A Batata Precisa de Você, no Facebook.

The image shows a screenshot of the Facebook page for the movement "A Batata Precisa de Você". The page header features a banner image of a community garden with people working. Below the banner, the page title "A BATATA PRECISA DE VOCÊ!" is displayed, along with the group type "Grupo público" and navigation buttons for "Entrou", "Compartilhar", "Notificações", and a menu icon. The main navigation bar includes "Discussão", "Membros", "Eventos", "Vídeos", "Fotos", and "Arquivos", with a search bar for the group. The content area is divided into several sections: a post creation box with options for "Escrever publicação", "Foto/Vídeo", "Enquete", and "Mais"; a "PUBLICAÇÃO FIXADA" section featuring a post by Laura Sobral from São Paulo, dated February 6, 2015, which promotes a public action and includes a link to the group's calendar; a "Largo da Batata" section with instructions on how to register an event; a "MEMBROS" section showing 6,329 members (27 new); a "DESCRIÇÃO" section; a "TAGS" section with "Espaço público · Largo da Batata"; a "CRIAR NOVOS GRUPOS" section with a "Criar grupo" button; a "PRÓXIMOS EVENTOS DO GRUPO" section featuring an event titled "Funk Truck - De Griffé na Estrada" on November 27; and a "FOTOS RECENTES DO GRUPO" section with three photo thumbnails.

Fonte: Internet. Facebook 2017..

A regularidade dos eventos promovidos pelo *A Batata Precisa de Você* passou a atrair diversos grupos que tinham os mesmos objetivos e atuavam em outros locais da cidade e do País, e também outras metas: Hortelões Urbanos (interessado na difusão de hortas urbanas), Rios e Ruas (que propõe a descoberta e revalorização dos rios “enterrados” em São Paulo), Mão na Roda, Bike Anjo e outros coletivos ciclísticos, e muitos outros.

Figura 06: Outros movimentos, ocupando outros locais.

Tom Bojarczuk compartilhou a publicação de Chico Tchello.
7 de novembro às 13:52

<https://www.facebook.com/rooseveltdetodxs>

Praça Roosevelt, fechada?

Um projeto na Câmara dos Vereadores pode transformar a praça em um parque. Assim, é possível **FECHÁ-LA COM GRADES, PORTÃO E CADEADO**. Isso significa limitar o acesso dos frequentadores e também a realização de eventos.

Então venha lutar por ela!!!!

Tem **REUNIÃO** no domingo, dia **6** às **16h** na própria **PRAÇA!**

E **DEFESA DA PRAÇA** no Conselho Participativo, terça, dia **9**, às **18h30** na **SUB SÉ**, rua Álvares Penteado, 46. Colado nos metrô São Bento e Sé.

NO FACE: PRAÇA ROOSEVELT DE TODXS

Chico Tchello
7 de novembro às 13:35

Se liguem aê muchachos. A coisa é séria!!

Curtir Comentar Compartilhar

Fonte: Internet, 2016. Movimento Roosevelt de todos.

Ao se tornar um verdadeiro *hub* que concentrava alguns dos coletivos mais importantes de São Paulo, o Largo da Batata tornou-se um centro de difusão de ideias para a renovação urbanística da cidade de São Paulo.

Figura 07: Exemplo de difusão de eventos.



The image shows a Facebook post from user Kaue Puttini. The post text reads: "Eaeeee pessoas, domingo tamo voltando com bastante peso musical pra batata...da um confere ae..." followed by the URL "https://www.facebook.com/events/642843799212918/". Below the text is a promotional graphic for the event "Groove na Batata IX". The graphic features a yellow background with a large, stylized "IX" in the center, rendered in a red and black striped font. Above the "IX" is the text "NA BATATA A CULTURA RESISTE / 06 NOV 15H". Below the "IX" is the word "GROOVE" in a bold, red, blocky font. At the bottom of the graphic, the event details are listed: "NOV 6 Groove na Batata IX", "Dom 15:00 - São Paulo", and "1.026 pessoas interessadas · 336 pessoa...". To the right of these details is a button that says "★ Tenho interesse". Below the graphic are the standard Facebook interaction buttons: "Curtir", "Comentar", and "Compartilhar".

Fonte: Internet, 2016.

As mídias analógicas também tiveram participação na divulgação: “lambes”, faixas e grafites conscientizavam a população sem acesso à internet sobre a natureza do movimento e a importância da participação de todos em prol da cidadania. Segue imagens da repercussão do evento mediante os organismos sociais, aplicadas em comunicação *offline*.

Figura 08: Comunicação offline



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

As comunicações *offline* ajudaram na propagação e divulgação do coletivo, atingindo uma enorme quantidade de pessoas em busca de conhecimento do projeto. Uma das formas mais comuns utilizada pelo coletivo é quanto à forma de informar os eventos para a comunidade, através do uso de “lambes”, como mostra o exemplo abaixo.

Figura 09: Comunicação offline



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

A importância do *A Batata Precisa de Você* começou a repercutir nas mídias tradicionais. Jornais e emissoras de TV passaram a divulgar esse movimento.

Colaboração Digital + Colaboração Analógica

O sucesso do movimento empreendido pelo movimento *A Batata Precisa de Você* não se resume somente à ativação cidadã do Largo da Batata, através da utilização das ferramentas digitais. A disposição dos participantes deste movimento alcançou níveis utópicos, em que todos tinham voz ativa e as mesmas oportunidades para se expressarem em relação à cidade e à cidadania. Enquanto as ações do movimento perduraram, o professor universitário tinha a mesma importância e era tão merecedor de interesse quanto o morador de rua.

As crianças eram ouvidas com a mesma seriedade que as profissionais do sexo da região. Este anarquismo, baseado em direitos igualitários, contagiou a todos, integrantes ou não do movimento, tornando as ações cada vez mais efetivas. O próprio poder público, representado pela Subprefeitura de Pinheiros passou a respeitar o movimento, encetando um diálogo com os participantes e colaborando, dentro de suas limitações.

Uma das ações mais marcantes, que servirá como exemplo, foi quando o movimento, ao consensar o problema que representava a falta de mobiliário urbano no Largo para que as pessoas pudessem melhor se apropriar do local, propôs-se a construir bancos e mesas a partir de *pallets* reciclados. Uma ampla rede colaborativa foi montada via divulgação pelos meios digitais e por encontros no Largo, no sentido de prover os materiais necessários — *pallets*, pregos e parafusos, ferramentas.

Designers ofereceram-se para criar os móveis. Adeptos da marcenaria dispuseram-se a orientar os voluntários. Mas esta ação colaborativa não ficou restrita apenas a um pequeno grupo. Muitas pessoas que frequentavam o Largo, inclusive quem simplesmente passava por lá, foram incentivadas a participar — e participaram, serrando, martelando, construindo, pintando.

Ao colaborarem no ato de construção do mobiliário urbano, estavam não apenas construindo móveis ou fazendo arte, mas produzindo um ato político de

reapropriação de um espaço que antes não consideravam como pertencente a eles, gerando o respeito, o cuidado e a cidadania.

Figura 10: Construção de mobiliário urbano com pallets: participação



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Figura 11: Construção de mobiliário urbano com pallets: participação



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Figura 12: Colaborando na construção do mobiliário urbano.



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Figura 13: Pintura do mobiliário urbano: mobilização e voz.



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Outro exemplo significativo foi a promoção de uma festa junina que reuniu mais de 2 mil e quinhentas pessoas, sem um único incidente. Com a colaboração voluntária de todos, inclusive do poder público, que emprestou palco, banheiros químicos e proteção para as poucas árvores do local, transformou-se no ápice de um movimento que começou com uma dezena de pessoas. Detalhe curioso: ciclistas participaram da primeira quadrilha de bicicletas São Paulo.

Figura 14: Festa junina, e 1º quadrilha dos ciclistas - 2014.



Fonte: Arquivo pessoal, 2014.

Figura 15: Espaço democrático, onde todos, sem exceção, participam.



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Figura 16: Shows, eventos e o reconhecimento do movimento pelo poder público.



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Shows, danças, poesia, debates políticos, yoga, cinema, demonstrações científicas em 3D, performances, prática de esportes, a criação da *Batatoteca* (Livro Livre) e inúmeras outras atividades aconteceram nas ocupações regulares promovidas pelo movimento *A Batata Precisa de Você*, incentivando o diálogo, a conscientização da cidadania e a reapropriação do espaço público.

Figura 17: Show de música na Batata.



Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

Figura 18: Debates sobre cidadania.



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Figura 19: Batatoteca: projeto de livro livre.



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

A Batata ativada

Participantes do movimento buscaram atuações específicas — de onde surgiu o *BatataMemo*, que busca registrar a história do local, com pesquisa iconográfica e depoimentos dos habitantes, reivindicam que a estação do Metrô seja renomeada como Largo da Batata, ao invés de Faria Lima, e incentivam a Feira de Orgânicos, semanalmente realizada no Largo, resgatando sua origem de comercialização de alimentos. Batatas Jardineiras foi outro grupo que se formou e faz experimentos nos canteiros do Largo, recuperando-os e plantando espécies adequadas àquele espaço.

Ao final de três anos de atuação, o Largo da Batata apresenta ao menos dois ou três eventos por semana, independentes da ação do coletivo — de shows de forró a rodas de capoeira e manifestações de grupos políticos, à renovação dos pequenos jardins em torno das poucas árvores. O poder público, pressionado pelos grupos organizados e pela comunidade do entorno, tornou-se mais sensível às diversas reivindicações, agilizando seus procedimentos.

Mobiliários urbanos permanentes foram instalados; áreas de sombra e para skatistas foram criadas; parcerias com empresas resultaram em um bicicletário (Itaú); a Bike Anjo recebeu um contêiner para armazenar bicicletas, utilizadas para ensinar os interessados a andarem de bicicleta; lixeiras foram instaladas. E o mais importante: as pessoas entenderam que podem utilizar a praça para assistir a um show musical ou uma peça de teatro, ler, namorar, descansar, conversar, ficar. Que não é preciso pagar para fazer isto. O capital cedeu um pouco.

Sobre os benefícios de uma ocupação urbana, diz Laura Sobral:

Em primeiro lugar, o entendimento que o espaço público é de todas as pessoas — não é de ninguém, senão o contrário: é de todos. Que ele pode ser utilizado de diversas maneiras. Uma vez que o espaço público está sendo mais utilizado, a qualidade da cidade, com certeza, melhora. Melhora em termos de segurança — as pessoas se movem com mais segurança pelo espaço da cidade. Melhora em se multiplicar as oportunidades para as pessoas se expressarem culturalmente, politicamente ou mesmo de realizar as atividades cotidianas que elas não podem realizar em casa, ou que não tenha que pagar para fazer esporte, por exemplo. Tudo que se pode fazer ao ar livre no espaço público, que muitas vezes são subutilizados. Também é bom para a economia, é claro, porque sempre dá uma ativada no comércio local.

A mobilidade ativa, que é andar a pé ou de bicicleta... Usar mais a cidade nessa escala humana faz com que as pessoas tenham uma relação maior com o comércio local, por exemplo. Faz bem para a saúde das pessoas porque elas estão mais ativas. Para a diversidade cultural da cidade, também — faz as pessoas se encontrarem, negociarem, conversarem. Na verdade, acho que só traz benefícios. (SOBRAL, 2007)

A praça é — e deve ser — do povo.

Considerações finais: outras praças, outras cidades, outro Brasil.

O que ocorreu no Largo da Batata pode ser classificado como um acontecimento raro em ações desta natureza: um sucesso que impactou os cidadãos, o poder público e a mídia tradicional, estudado nos meios acadêmicos, inclusive internacionais, como um modelo que inspira cidades brasileiras e do exterior.

O movimento *A Batata Precisa de Você*, por sua vez, entendeu que o Largo está “ativado”. Não é preciso mais o esforço de um grupo específico para que a praça fique viva. As intervenções urbanas promovidas pelo movimento no Largo da Batata agora são pontuais, sem a necessidade de regularidade. O movimento atua, também, na assessoria a outros movimentos similares, como o da Moóca, por exemplo, que têm os mesmos objetivos de promover a reapropriação de espaços públicos e a conscientização da cidadania.

Os membros do movimento ainda mantêm contato (como se pode constatar na sua página do Facebook) e, individualmente, realizam ações no *Largo da Batata*, porque resta muito o que fazer. A Operação Faria Lima continua transformando o local, exigindo a atenção do coletivo para certas ações que contemplam o privado em detrimento do interesse público.

Existem diversos problemas paralelos: o consumo de drogas, moradores de rua, educação e orientação sobre lixo e conservação do mobiliário urbano. Sabem, porém, os detentores do poder, que suas ações estão sendo monitoradas permanentemente e que toda e qualquer iniciativa será observada pelo coletivo e

seus simpatizantes. É um passo, de muitos que precisam ser dados, em direção à conquista da plena cidadania.

Referências Bibliografia

ALESSANDRI, Fani Ana. O espaço Urbano: Novos Escritos sobre a cidade. Labur Edições, São Paulo, 2007. p. 51 – 123.

BELLETTINI, Orazio; ARELLANO, Adriana. Activismo Político em Tiempos de Internet. Plataforma Política. 2016, – p. 312

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança, movimentos sociais na era da internet. Jorge Zahar Editor Ltda, Rio de Janeiro – RJ, 2013, p. 13 – 14.

CYMBALISTA, Renato. O espaço público no século 21: o que querem ativistas e urbanistas. A pauta do direito à cidade é cada vez mais presente nas disputas urbanas; ONU incluiu tema em documento oficial. Disponível em <https://www.nexojournal.com.br/reportagem/2016/11/19/O-esp%C3%A7o-p%C3%BAblico-no-s%C3%A9culo-21-o-que-querem-ativistas-e-urbanistas>. Nexo, 2016.

CONSTANT, Benjamin. Da liberdade dos antigos comparada à dos modernos. Revista Filosofia Política, No. 2, pp. 9-25. Porto Alegre: L&PM Editores, 1985.

DRUMMOND, Alessandra; CUNHA, Helena Maria; SANTANA, Richard. ORG. Competências Criativas. Instituto Una de Responsabilidade Social e Cultural. Belo Horizonte/MG, 2016. ROMANINI, Vinícius. As competências criativas num mundo em transformação 37- 48.

FAUSTO, Sergio; SORJ, Bernardo. Activismo Político em Tiempos de Internet. Plataforma Democrática. 2016, p. 14. Disponível em: http://www.plataformademocratica.org/Arquivos/Activismo_politico_en_tiempos_de_internet.pdf . Acesso < 25.01.17>.

HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HARVEY, David. Cidades rebeldes- Del - Del derecho de la ciudad a la revolución urbana - Ediciones Akal, 2013 – p. 14.

JENKINS, Henry. Cultura das convergências. Alepha. São Paulo, 2009.

LIPOVETSKY, Jean; Gilles; SERROY. A Estetização do Mundo. Companhia das Letras, 2014. P. 203 - 204.

LEFEVBRE, Henri. O Direito à cidade. Centauro Editora, São Paulo, 2004.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999. P.194- 195

PARK, Robert, On Social Control and Collective Behavior, Chicago, Chicago University Press, 1967.

ROCHA, Camilo. O espaço público no século 21: o que querem ativistas e urbanistas. A pauta do direito à cidade é cada vez mais presente nas disputas urbanas; ONU incluiu tema em documento oficial. Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/reportagem/2016/11/19/O-esp%C3%A7o-p%C3%BAblico-no-s%C3%A9culo-21-o-que-querem-ativistas-e-urbanistas>. Nexo, 2016.

SILVEIRA, da Amadeu Sergio. Redes Cibernéticas e Tecnologias do Anonimato – Confrontos na sociedade do controle. 1984.p.09

SOUZA, Silvia Maria de. A transmidialidade como estratégia discursiva. In: Cadernos de Semiótica Aplicada, v. 14, n. 1, 2016, p. 260.

SOBRAL, Laura. Entrevista sobre o “Batata precisa de você”. São Paulo, 2017.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Helmick Janet; JACKSON, D. Don. A Pragmática da Comunicação Humana, 1967. Editora Cultrix, São Paulo.

Sites pesquisados

www.plataformademocratica.org

www.nexojornal.com.br

Vídeos pesquisados

A Batata precisa de você. Disponível em: <https://youtu.be/wckzyllk9wk>. Acesso <17/01/2017>.

Bancos. Disponível em: <https://youtu.be/t8cz4XdraaU> . Acesso <17/01/2017>.

As crianças pintam e bordam no largo da batata. Disponível em: <https://youtu.be/McZNRatHKXw> Acesso <17/01/2017>.

Poesia na Batata. Disponível: https://youtu.be/pVm_r8wgks0. Acesso <17/01/2017>.

Batucada na Batata. Disponível: <https://youtu.be/02vpxtfbYuY>. Acesso <17/01/2017>.

Capoeira na Batata. Disponível: <https://youtu.be/mKJf8MxHc54>. Acesso <17/01/2017>.

Forró na Batata. Disponível : <https://youtu.be/MpsyppCpKh4>. Acesso<17/01/2017>.

Expo da Escola da Cidade e muito papo. Disponível: https://youtu.be/aS4_9aKjkKg
Acesso <17/01/2017>.

Vídeo 360° + com criança cidadã. Disponível: <https://youtu.be/OhOZ6x9KIWQ>
Acesso <17/01/2017>.

Faixa provisória na batata. Disponível: <https://youtu.be/pBKLvpZVOHY>. Acesso <17/01/2017>.

Faixa Permanente. Disponível: <https://youtu.be/lfxtBm9UH0U>. Acesso <17/01/2017>.

Jornais Digitais

BBC:

http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/05/150514_ocupacao_espaco_publico_rb . Acesso < 21/12/2016>

El Pais: http://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/13/politica/1418479186_366653.html.
Acesso < 21/12/2016>

Folha de São Paulo: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/10/1534055-cidadania-digital-mobilizacoes-on-line-e-aplicativos-mudam-politica-de-sp.shtml>.
Acesso<17/01/2017>

Globo: <https://globoplay.globo.com/v/3474727/>. Acesso <22/12/2016>

Hypeness: <http://www.hypeness.com.br/2014/09/cobertura-hypeness-10-acoes-fantasticas-que-rolaram-na-virada-sustentavel/>. Acesso < 21/12/2016>

Veja: <http://vejasp.abril.com.br/materia/25-motivos-para-amar-pinheiros>. Acesso <22/12/2016>

Vitruvius: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/14.166/5176>. Acesso <21/12/2016>

Documentário

Rua! Largo da Batata. Direção: Tata Amaral. Prefeitura Municipal de São Paulo, 2014. Disponível: <https://youtu.be/-fQQjgnlObl>. Acesso <12/12/2016>